

David Lutango

O que significa **AMAR?**

Um estudo sobre o amor à
luz da ciência e da filosofia

Comentada e ilustrada



Copyright © 2021 de David Lutango

Sobre nós:

O **Projecto Saber Para Todos** é um projecto criado para disponibilizar conteúdos de todas as áreas do conhecimento, com o firme objectivo de espalhar conhecimento, isto por acreditar que o conhecimento é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade e deve ser distribuído para todos.

Para receber as novas publicações, criar parceria, contribuir para o projecto ou ter sua obra revisada e editada por este projecto, ligue para nós, curta a nossa página do *Facebook* ou nos fale pelo *Whatsapp* ou *e-mail*:

 **Saber Para Todos**

 **psaberparatodos@gmail.com**

 **(+244) 945 739 968**

Contactos do autor

 davidlutango1@gmail.com

 David Lutango

 @davidlutango1

 (+244) 945 739 968

 (+244) 945 739 968

 Web artigos: David Lutango

 @david_lutango

 Recanto das Letras: David Lutango

Imagem da capa

A surpresa. Pintura de Watteau, 1718.

Outros títulos do autor

O feitiço e a bruxaria em Angola: um estudo sobre as crenças místicas dos grupos étnicos angolanos. (Comentada e ilustrada, 2021). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-generos-diversos/7166744>

O processo de desconstrução da identidade angolana: desde a chegada dos portugueses até aos dias de hoje. (Comentada e ilustrada, 2021). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-generos-diversos/7157367>

Zola. (Conto, 2021). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-contos/7149726>

David Lutango

O que significa amar?

Um estudo sobre o amor à luz da ciência e da filosofia.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
---------------------------	----------

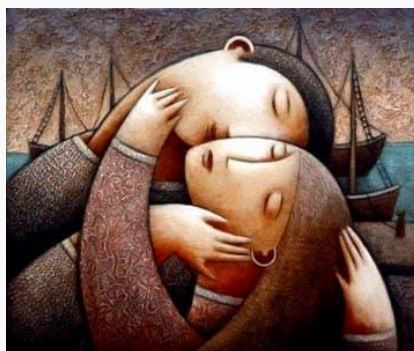
1

O AMOR NAS RELAÇÕES AFETIVAS	4
Paixão	5
Amor romântico	7
Amor e paixão	10
Componentes do amor	14
Estilos de amor	18
O amor como contracto	21

2

O QUE SE ENTENDE POR AMOR?	25
O amor de si ou amor próprio	26
O amor altruísta	27
O amor segundo pensadores	30
Outras abordagens sobre o amor	34
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 41

APRESENTAÇÃO



1

“O amor é o estado no qual os homens têm mais probabilidade de ver as coisas tal como elas não são”. (Nietzsche)

O AMOR é um tema de grande valor na sociedade e sempre encontrou maneiras de se expressar, servindo como cartaz nos grandes espaços públicos de todo o mundo. A literatura, por exemplo, sobretudo dos tempos clássicos, assim como a escultura, a pintura, a música, o teatro, o cinema, e outras manifestações artísticas, sempre viram no amor um alento imprescindível, cujo simbolismo é inspirador de grandes feitos humanos nos vários domínios da arte, da ciência, da filosofia e da religião. É por este fascínio que o amor, desde sempre, foi pensado e estudado por vários pensadores dos diversos campos do conhecimento, que nunca deixaram de admirar o seu valor - real, histórico e simbólico - que atravessa uma imensidão de séculos e ainda se mantém firme, inspirando as gerações actuais.

Ao imergir no cerne humano, o amor demuda por completo sua forma de pensar e de agir, acertando nele cálices de afeto, de esperança e de apego à coisa amada. Assim também, em nome do amor, os homens primitivos se agruparam em cabanas e criaram laços de intimidade que fizeram surgir as sociedades humanas como hoje conhecemos. Isto mostra que o amor está presente desde os

¹ Fonte: <https://www.contiouttra.com/o-amor-e-arte-nao-entretenimento/amp/>

primórdios da humanidade, desde a antiguidade humana mais remota de que temos registro. Ora, um sentimento tão extraordinário como este, que dita o rumo dos relacionamentos e das sociedades, é, deveras, digno e credor de ser estudado e discutido por todos. É assim que, neste livro, tentar-se-á entender, à luz da ciência e da filosofia, o que é o amor e como ele se manifesta nos episódios humanos, apresentando suas mais importantes concepções desenvolvidas no decorrer dos tempos.

“A falta de amor é a maior de todas as pobrezaas”.

Madre Teresa de Calcutá

1

O AMOR NAS RELAÇÕES AFETIVAS



2

“Quando o amor vos fizer sinal, segui-o; ainda que os seus caminhos sejam duros e escarpados. E quando as suas asas vos envolverem, entregai-vos; ainda que a espada escondida na sua plumagem vos possa ferir”. (Khalil Gibran)

O TERMO amor surgiu do latim *amore* e possui uma variedade de significados que iremos tratar no decorrer deste livro. Primeiramente, vale dizer que, desde os primórdios da humanidade, sempre esteve presente a necessidade dos homens se relacionarem e juntos coabitarem, o que permitiu a sobrevivência dos homens primitivos nos períodos mais longínquos da história. Este ajuntamento entre indivíduos possibilitou o estreitamento das relações afetivas e, com isto, foram surgindo os vários tipos de relacionamentos que encontramos nas sociedades de hoje, desde os mais simples, até aos relacionamentos mais íntimos. É também no estreitamento das relações afetivas que surgiram os relacionamentos conjugais entre

² **O beijo. Pintura de Gustav Klimt, 1908.**

duas (ou mais) pessoas. Em todo o caso, encontrar alguém com quem construir uma relação pressupõe, antes de tudo, a abertura ao mundo e, conseqüentemente, aos relacionamentos.

Importa então reconhecer que o amor é sem dúvida um dos sentimentos mais antigos que conhecemos. Daí que não se ensina a amar, pois já nascemos amando; em outras palavras, o nascimento carrega consigo a afetividade pelas primeiras pessoas que nos ajudam a crescer e a desenvolver, isto é, os nossos pais, irmãos, nossa família e nossos amigos. Brendali Bystronski, no seu livro *Teorias e Processos Psicossociais da Intimidade Interpessoal*, realça que é nas relações interpessoais que o homem vive suas mais fortes emoções, dentre elas o prazer que se obtém através do amor. Concebe-se então o amor como um sentimento que sentimos pelas pessoas; um sentimento que nos une, que nos inspira a vivermos em sociedade; e que nos submete a uma condição de apego e apreço ao próximo.

PAIXÃO

ACREDITA-SE que todo amor começa com uma paixão. A paixão seria, então, a primeira condição para que o amor aconteça. O mesmo sucede com a afeição que sentimos pelos nossos parentes. Ao nascermos, surge em nós a paixão pelos nossos pais; e à medida que nos damos conta da realidade, começamos a amá-los; assim também, os pais adquirem a paixão pelo filho que acaba de vir ao mundo para depois desenvolverem o amor incondicional por ele. É neste sentido que muitos pais acabam por abandonar ou desprezar seus filhos quando a paixão se esgota, pois não chegam a desenvolver o amor por eles. O mesmo acontece nos relacionamentos afetivos entre duas ou mais pessoas. Quando não se desenvolve amor, acabamos por nos frustrar. A paixão por si só é garantia da própria destruição, mas quando se desenvolve amor, a paixão amadurece e este amor se constrói.

A paixão é vista como cega, descontrolada, intensa, de grande intensidade emocional. A paixão de um homem por uma mulher, ou vice-versa, por exemplo, é muitas vezes definida como a suspensão temporária do juízo, uma vez que a paixão nos incita a buscarmos

incessantemente a pessoa amada, o que muitas vezes nos leva a desenvolvermos um comportamento obsessivo-compulsivo e a cometermos loucuras para estarmos perto da pessoa.

*“Sepultura vaidosa
Seja ela linda como a prima vera
e o tom suave igual ao inverno
em uma noite banhada na doce
paixão sabor à canela, direi sim.
Seja ela tão turva como a serra
da leba, serena e tranquila como
as quedas de calandula, direi sim.
Seja ela malvada como a fauna
e horrível como o mar, direi sim.
A única descendente da pureza
e tão alegre como a natureza
és tu, sepultura vaidosa”.*

~ Nvula Meneses



Os amantes. Pintura de Magritte, 1928.

Comentário: Pode-se observar nesta representação de Magritte como a paixão se exprime no simples desejo pela pessoa; um desejo cego, descontrolado, vulnerável e transitório.

Podemos dizer que a paixão é intrínseca ao ser humano, pois nos apaixonamos o tempo todo. Vale recordar que não nos apaixonamos exclusivamente por uma pessoa, mas também por uma música, por uma disciplina, por um trabalho, por um objecto, por um momento, por um computador, por um gato ou até mesmo por um chimpanzé; é

neste sentido que a paixão é intrínseca ao ser humano, isto é, a condição de apaixonar-se está inscrita na natureza humana e não há como escapar dela.

*“Fica-se muito louco
quando apaixonado”.*

~ Sigmund Freud

Aristóteles³, na sua obra *Ética à Nicômaco*, esclarece que o homem não é responsável pela condição de ter ou não ter afeto, uma vez que esta condição lhe é imposta pela sua natureza, mas que é responsável pelas influências que esta condição pode causar em suas ações. Ora, sabendo que a paixão lhe é natural, tudo o que o homem pode fazer é discipliná-la. O homem virtuoso, então, seria aquele que consegue controlar e aprimorar a sua paixão, ao ponto de não ser dominado por ela.

AMOR ROMÂNTICO



⁴ NA CONTEMPORANEIDADE, a expressão “amor romântico” é vinculada à afeição que duas pessoas, de sexos opostos, nutrem uma pela outra; uma afeição movida, exclusivamente, pela paixão, pelo desejo carnal.

Eglacy Cristina Sophia, junto com outros dois autores, no artigo *Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico*, expõe que o amor pode ser caracterizado como um sentimento que impulsiona o indivíduo para o belo; uma grande afeição de uma pessoa a outra do sexo oposto; uma amizade, um desejo sexual ou uma ligação espiritual entre pessoas de sexos diferentes. Com esta caracterização, o amor romântico se exprimiria numa afeição regida, exclusivamente, pelo desejo sexual, excluindo todas as outras características que compunham um amor pleno. Quando cultivamos a paixão por uma

³ Filósofo da Antiga Grécia, conhecido como pai fundador do método científico. (384 a.C. – 322 a.C.).

⁴ **Cupido.** Fonte: <https://www.eltucumano.com/amp/noticia/opinion/261495/el-absolutismo-de-cupido>
O Cupido é também conhecido pelo nome de *Eros*, considerado o deus do desejo e da paixão na mitologia grega.

pessoa, por exemplo, vemos nessa pessoa o belo, o grandioso, o que nos leva a nutrirmos desejos incitados no calor da paixão pela pessoa.



A surpresa. Pintura de Watteau, 1718.

Este conceito de amor romântico, como paixão ou desejo, é muitas vezes chamado de amor platónico, isto por ter sido muito estudado por Platão⁵ na sua famosa obra *O Banquete*, obra que também representa a principal referência sobre amor já escrita na história do pensamento. Como em todas as suas obras, Platão escrevia em formas de diálogo, onde apresentava ideias por intermédio de personagens, sendo que, defendia as próprias ideias através de um único personagem presente na maior parte das suas obras; este personagem é Sócrates. Daí que muito se discute sobre a existência de Sócrates, ou seja, se de facto existiu ou se não passava apenas de um personagem criado por Platão. Platão não falava português e utilizava a expressão *Eros* para falar do amor; *Eros* significa desejo e, portanto, para Platão, amor é desejo, isto é, uma afeição movida pelo desejo de ter a pessoa amada ou, simplesmente, paixão. Falaremos disso mais adiante deste livro.

⁵ Filósofo da Antiga Grécia, conhecido como o pensador mais influente de todos os tempos. (427 a.C. – 347 a.C.).

*“O amor romântico é como um traje,
que como não é eterno, dura tanto
quanto dura; e, em breve, sob a veste
do ideal que formamos, que se esfacela,
surge o corpo real da pessoa humana,
em que o vestimos. O amor romântico,
portanto, é um caminho de desilusão”.*

~ Fernando Pessoa

Neste mesmo livro, *O Banquete*, Platão conta, por meio de um personagem chamado Aristófanes, que os seres humanos eram compostos por duas partes que se relacionavam e se completavam um ao outro. Num dado momento, estas duas partes foram separadas e, desde aí, nunca mais se juntaram. Isto justificaria a constante busca pela nossa outra metade ou alma-gêmea, ou seja, explicaria a incessante necessidade que temos em encontrarmos alguém que nos complete e que preencha o vazio que sentimos. Como já ouvimos muitas vezes, o amor se expressa na pretensão de acharmos que somos seres incompletos e que só o outro nos completaria. É neste sentido que este relato é recorrente nos estudos sobre o amor, justamente por esse sentimento de vazio, de solidão, de angústia por estarmos sós sem a nossa outra metade; e por isso, somos submetidos a desejarmos pessoas que achamos serem a metade que nos falta. Isto nos remete à ideia de amor como fusão, como união entre partes que outrora se constituíam e que agora foram separadas; cujas partes buscam novamente a fusão, a união entre elas.

*“Somente quando encontramos o amor,
é que descobrimos o que nos faltava na vida”.*

~ John Ruskin

As pessoas envolvidas no amor romântico, isto é, no desejo incitado pela paixão, sentem simples atracção física e emocional uma pela outra; e como a atracção e o desejo se esgotam, a conservação do relacionamento se torna improvável. Para que este amor permaneça, torna-se necessário não apenas o desejo, mas também o compromisso de permanecerem juntas. De uma maneira geral, o amor romântico se exprime na simples atracção emocional e física entre

duas pessoas; e na maior parte dos casos, por carecer de compromisso e maturidade, acaba por se desfazer.



Romeu e Julieta. Pintura de Frank Dicksee, 1871.

Comentário: *Romeu e Julieta* é o título dado ao romance trágico escrito por William Shakespeare. Nesta peça é representado o amor romântico, onde Romeu e Julieta sentem profundo desejo um pelo outro; desejo que os domina e os leva a cometerem o suicídio ao saberem que não poderiam ficar juntos. Isto mostra que o amor romântico é domado pela paixão, ou seja, pela obsessão, pela compulsão e pelo desejo físico; onde não reina o juízo; vulnerável e susceptível de ser destruído quando a paixão governa por si só.

AMOR E PAIXÃO

COM BASE às observações apresentadas, vale fazer uma distinção entre amor e paixão. Como vimos, a paixão se estabelece no primeiro contacto com o objecto amado; é a representação da atracção que se tem pela pessoa amada. Por outro lado, o amor é muitas vezes concebido como uma espécie de “pós-paixão”, ou seja, um estágio mais amadurecido que procede a paixão, exprimindo-se num sentimento de maior intimidade afetiva, de confiança, de segurança e de compromisso entre pessoas que, inicialmente, nutriam paixão umas pelas outras e que agora cultivam o amor.

A paixão e o amor são também tratados na ideia de gostar e amar, isto é, a paixão estaria ligada ao gostar, enquanto que o amor surgiria apenas quando se começa, de facto, a amar.

*“A paixão é mentir tudo o
que você não é. O amor é
começar a dizer a verdade”.*
~ Fabrício Carpinejar

Para uma melhor compreensão da distinção destes dois conceitos, recorreremos à explicação dada por Elaine Hatfield, na sua obra *Amor apaixonado e compassivo*, que distingue o amor da paixão, dividindo-os em dois estágios: amor-apaixonado (paixão) e amor-companheiro (amor).

Amor apaixonado (paixão)

O amor apaixonado, ou simplesmente paixão, se exprime no primeiro contacto com o objecto, ou ainda, é o estágio que precede o amor. É o momento em que somos atraídos pela pessoa amada, o momento em que nos apaixonamos. É caracterizado como um estado de intenso desejo de união com a outra pessoa. Neste estágio, desenvolve-se um comportamento obsessivo-compulsivo quando se está afastado da pessoa, isto é, os pensamentos sobre a pessoa se tornam muito frequentes e a vontade de vê-la se intensifica. Sente-se também uma ansiedade dolorida que se exprime em vazio, insegurança, desespero e medo de perder a pessoa. Isto faz com que a pessoa apaixonada experimente uma variedade de emoções fortes, tanto negativas quanto positivas.

O amor-apaixonado (paixão) engloba também o famoso “amor à primeira vista”, o desejo ou a atracção que sentimos pela pessoa na primeira vez que a vimos. Ora, a expressão ideal seria “paixão à primeira vista”, uma vez que não é amor o que sentimos à primeira vista, mas a paixão, o desejo. Assim, a paixão pode, na maior parte dos casos, acabar ou, no menor dos casos, evoluir para amor-companheiro (amor).

*“Me mostre um homem que
não é escravo da paixão e eu
o conservarei no mais fundo
do peito”.*
~ William Shakespeare



Ermafrodito e Salmace. Pintura de Ippolito Scarsella, detto lo Scarsellino, 1580-1595.

Comentário: Esta imagem ilustra perfeitamente o amor-apaixonado, ou seja, a paixão, o desejo incontrollável de querer estar perto da pessoa por quem se está apaixonado. Como se pode ver, o amante, domado pela obsessão e compulsão de ter a pessoa amada, não consegue ficar nem um segundo longe dela, o que o leva a procurá-la e abraçá-la a todo o tempo. A paixão, como já vimos, é a suspensão temporária do juízo, isto é, torna-nos cegos e nos leva a tomarmos atitudes exageradas e a cometermos loucuras em nome do desejo de possuir a pessoa, custe o que custar.

Amor companheiro (amor)

O amor companheiro, ou simplesmente amor, se exprime como um amadurecimento do amor-apaixonado, ou ainda, como um estágio mais maduro que procede a paixão. É o momento do compromisso, em que decidimos criar laços mais íntimos com a pessoa e juntos partilharmos e explorarmos as fraquezas, as fortalezas, os medos, as aspirações, as semelhanças e as diferenças um do outro. Neste estágio, a paixão evolui para amor.

Diferente da paixão, o amor não é obsessivo, nem compulsivo, mas equilibrado e moderado. Não é impulsivo, nem descuidado, mas ajuizado e maduro. Não é presa exclusiva do desejo, da impetuosidade e da paixão, mas também do compromisso, da disciplina e do amor. É no amor onde não mais sofremos com a ansiedade, com o vazio, com a insegurança, com o desespero, nem com o medo de perder a pessoa amada, pelo contrário. No amor passamos a conhecer a outra pessoa

e com ela nos comprometemos em cuidar e buscar o companheirismo, a fidelidade, a confiança, o carinho e o bem-estar um do outro.

*“Paixão termina, amor não.
Amor é aquilo que a gente
deixa ocupar todos os nossos
espaços (...) que nunca
expulsamos definitivamente
de casa”.*

~ Martha Medeiros

De uma maneira geral, a paixão é a primeira aproximação que temos com a pessoa amada, onde a incerteza se faz presente, bem como outras inseguranças, fazendo-nos desejar a pessoa de uma maneira obsessiva e compulsiva. Por outro lado, o amor é uma espécie de pós-paixão, um estágio mais evoluído das relações afetivas, ou seja, é o amadurecimento da paixão, onde sentimos um total companheirismo pela pessoa amada, sem medo ou insegurança, pelo contrário, no amor surge o compromisso e, conseqüentemente, a confiança, a segurança, o cuidado e a preocupação pelo bem-estar um do outro.



A sesta. Pintura de Van Gogh.

Comentário: o amor-companheiro pode ser observado nessa pintura. É um amadurecimento da paixão, um resfriamento do desejo, um outro estágio, é o nascimento do amor após um longo período de simples desejo oriundo da paixão, isto é, é a retoma do juízo, é quando decidimos criar laços mais íntimos, mais sólidos e mais maduros com a pessoa.

COMPONENTES DO AMOR

VISTO QUE o amor se exprime num amadurecimento da afeição sentida pela pessoa amada, vale realçar alguns componentes que caracterizam este amadurecimento. Para isso, recorreremos à Teoria Triangular do Amor, desenvolvida pelo psicólogo Robert Sternberg (1989), que representa um dos mais importantes estudos sobre o amor. Nesta teoria, Sternberg distingue três componentes fundamentais presentes no amadurecimento do amor. Eles são: Intimidade, Paixão e Decisão/Compromisso.

Componente: Intimidade

Este componente se refere às experiências mais íntimas que as duas pessoas experimentam no percurso do relacionamento, o que possibilita o estreitamento do vínculo no relacionamento. Com a intimidade surge o desejo de promover o bem-estar da pessoa amada; a felicidade de estar junto a ela; o respeito e a consideração por ela; o entendimento mútuo; a aceitação das qualidades e dos defeitos da pessoa; o desejo de partilhar as posses, os segredos e as aspirações; a possibilidade de contar com a pessoa amada em momentos de necessidade; a comunicação entre os dois; a valorização e a intensificação das aproximações físicas.

Componente: Paixão

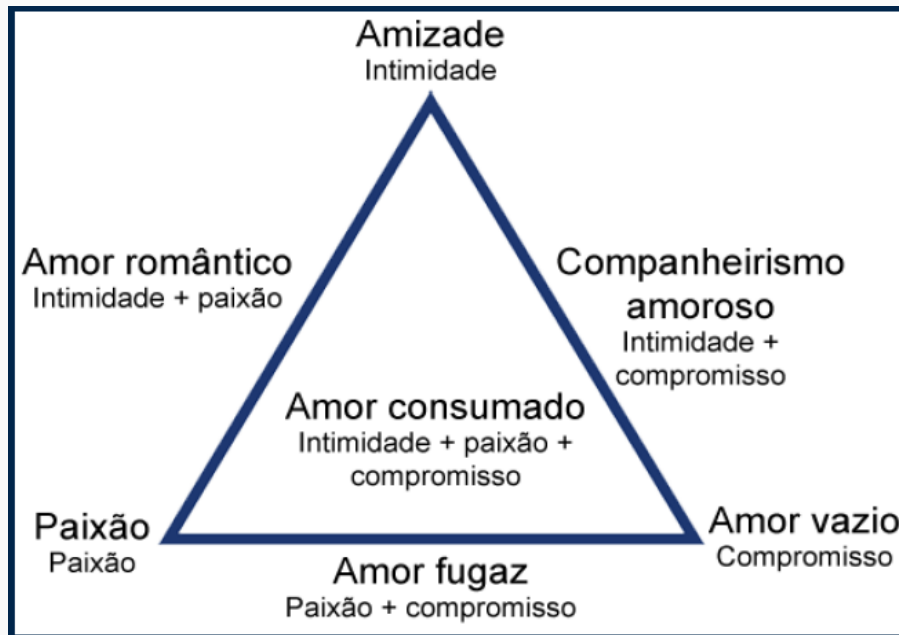
Como vimos, a paixão se exprime na atracção derivada do primeiro contacto com a pessoa amada. Porém, mesmo no estágio do amor, a paixão não se esgota, mas amadurece. Deixa de ser doentia e passa a ser saudável, isto é, quando se atinge o estágio do amor, a paixão deixa de ser um simples desejo oriundo do primeiro contacto e se torna um complemento do amor. Ao se tornar um complemento do amor, a paixão desempenha o papel de intensificar o desejo e o prazer físico entre os envolvidos no relacionamento, possibilitando a atracção física e a satisfação sexual do casal.

*“A paixão só aprendeu a
ficar por pouco tempo. O
amor gosta mesmo é de
permanecer a vida inteira”.*

~ Pe. Fábio de Melo

Componente: Decisão/Compromisso

Este terceiro componente do amor se exprime em dois aspectos. O primeiro aspecto, considerado de curto prazo, se resume na decisão de amar outra pessoa e passar a fazer parte da vida dela, ao passo que o segundo aspecto, considerado de longo prazo, se resume no compromisso de cultivar este amor pelo resto da existência.



Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1986).

Comentário: Como se pode observar na imagem acima, uma relação guiada unicamente pela intimidade, constitui simples amizade; uma relação onde apenas a intimidade e a paixão existem, se reduz num simples amor romântico, um descompromissado; uma relação ditada apenas pela paixão, se reduz num simples desejo físico obsessivo, compulsivo, ansioso e inseguro, que a qualquer momento pode se esgotar, como já falamos anteriormente; um relacionamento onde apenas coexistem a paixão e o compromisso, se reduz num amor fugaz, sem profundidade, sem intimidade entre o casal e, portanto, sem crescimento; um relacionamento marcado exclusivamente pelo compromisso se resume em simples vazio no relacionamento, sem qualquer indício de intensidade ou crescimento; uma relação com exclusividade na intimidade e no compromisso se transforma em simples companheirismo ou amizade, sem atracção física ou sexual.

Ora, o relacionamento onde os três componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso) estão presentes e actuam de forma harmoniosa, permitem um relacionamento verdadeiro e

consumado, onde os envolvidos partilham suas vidas, buscam o bem-estar um do outro e se esforçam para o crescimento da relação.

Virtudes do amor verdadeiro

As virtudes do amor se põem como consequências decorrentes da efetivação dos três componentes do amor; se exprimem como um conjunto de atitudes presentes nos relacionamentos desenvolvidos com base no amor consumado. Entre as principais virtudes do amor se pode mencionar: Generosidade, Fidelidade e Tolerância.

Generosidade

A generosidade se exprime na disponibilidade de se construir um relacionamento franco, aberto, sincero e altruísta, cujas práticas se justificam na máxima da intimidade, da honestidade, da confiança e da bondade pelo outro. Com esta perspectiva, o amor seria um esforço pela saúde do relacionamento, isto é, um empenho constante pelo bem-estar do ambiente; uma dedicação insaciável pela qualidade da relação.

*“O verdadeiro amor nunca
se desgasta. Quanto mais se
dá mais se tem”.*

~ Antoine de Saint-Exupéry

Fidelidade

A fidelidade tem sua expressão na fé que um sente pelo outro, ou seja, na confiança que se tem de que o outro agirá segundo os valores combinados, que podem ser a generosidade, o comprometimento, a sinceridade, a honestidade ou o esforço em cuidar da relação, isto de modo a se construir um relacionamento sólido dotado de confiança. Então, o amor seria um conjunto de valores que, quando estabelecidos e seguidos com comprometimento, permitiriam a fidelidade e, com isso, a confiança entre o amante e o amado, o que possibilitaria um pleno e perpétuo desabrochar do relacionamento.

*“Duvida da luz dos astros,
de que o sol tenha calor,
duvida até da verdade,
mas confia em meu amor”.*

~ William Shakespeare

Tolerância

A tolerância se resume em aceitar o outro tal como é, ou seja, consiste em aceitar as crenças, as ideias, a forma de pensar, o comportamento e as atitudes do outro, mesmo que isso seja contrário às inclinações de quem ama. Assim, para que o amor seja possível, torna-se necessário a tolerância por aquilo que o outro pensa, isto é, a tolerância pelas inclinações do outro, mesmo que estas inclinações sejam contrárias às inclinações de quem ama. Vale esclarecer que a tolerância no relacionamento não se justifica em aceitar absolutamente tudo o que o outro pensa ou faz. A tolerância presente no amor verdadeiro tolera apenas aquilo que não põe em causa a saúde do relacionamento, aquilo que não danifica a relação; o amor leva o amante a privar a pessoa amada de fazer coisas que a ferissem ou privassem o seu bem-estar.

*“Amar não é aceitar tudo.
Aliás, onde tudo é aceito,
desconfio que há falta de
amor”.*

~ Vladimir Meiakóvski

TIPO	INTIMIDADE	PAIXÃO	DECISÃO- COMPROMISSO	OBSERVAÇÃO
Amizade (liking)	+	-	-	Gostar
Amor à 1ª. vista	-	+	-	Idealização, excitação.
Amor vazio	-	-	+	Só aparências, um negócio
Amor romântico	+	+	-	Amor de verão, sem futuro
Amor companheiro	+	-	+	Só bons amigos (sem erotismo)
Amor fãtuo	-	+	+	Hollywoodiano, estressante
Amor verdadeiro	+	+	+	Amor completo, ideal, utópico

Quadro analítico do amor segundo a teoria triangular do amor de Sternberg (1986).

Fonte: CEPPA).

Comentário: Neste quadro podemos observar os componentes que cada forma de amor apresenta, sendo que para que o amor se apresente consumado e verdadeiro é necessário a presença dos três componentes, como já referimos.



A noiva judia. Pintura de Rembrandt, 1666.

Comentário: Este quadro de Rembrandt nos mostra um casal, cujos rostos lembram a satisfação e a segurança de duas pessoas que criaram um relacionamento maduro e consumado. Pode-se observar os três componentes, isto é, a intimidade, a paixão e o compromisso entre os dois.

ESTILOS DE AMOR

OUTRO IMPORTANTE estudo sobre o amor foi realizado pelo sociólogo John Alan Lee, cuja pesquisa contou com a participação de pessoas que foram convidadas a descrever o que entendiam por amor. Foram colectadas, aproximadamente, 100.000 percepções sobre o amor, o que confirmou a possibilidade da existência de diversos estilos de amor. Após a análise dos resultados, Lee seleccionou os estilos mais predominantes e atribuiu uma cor para cada um deles. Estes estilos receberam expressões do grego, pois Lee não encontrou, no inglês, palavras adequadas que os descrevessem. A pesquisa encontrou três estilos principais e, a partir destes, extraiu-se mais três estilos que são, na verdade, combinações dos três primeiros; estes estilos ficaram divididos em estilos primários e secundários do amor.

Estilos primários

Os três estilos primários do amor são: *Eros*, *Ludus* e *Estorge*.

Estilo primário: *Eros*

Eros se exprime na cor vermelha, num amor romântico, apaixonado, rígido pelo desejo, situado no estágio da paixão; baseado exclusivamente na atracção física; fundado no ideal que inventamos sobre a pessoa amada.

Estilo primário: *Ludus*

Ludus é o amor voltado na cor azul, na simples busca do prazer, na diversão, na curtição, sem qualquer compromisso declarado entre os envolvidos; é um relacionamento de curta duração, um amor independente, sem envolvimento emocional.

Estilo primário: *Estorge*

Estorge se expressa na cor amarela, num amor baseado no companheirismo, na amizade; se exprime num desenvolvimento lento e gradual, sem emoções fortes, onde os parceiros decidem se conhecer melhor antes de qualquer compromisso mais íntimo.

Estilos secundários

Os três estilos secundários do amor, oriundos dos estilos primários, são: *Mania* (combinação de *Eros* e *Ludus*), *Pragma* (combinação de *Ludus* e *Estorge*) e *Ágape* (combinação de *Eros* e *Estorge*).

Estilo secundário: *Mania (Eros + Ludus)*

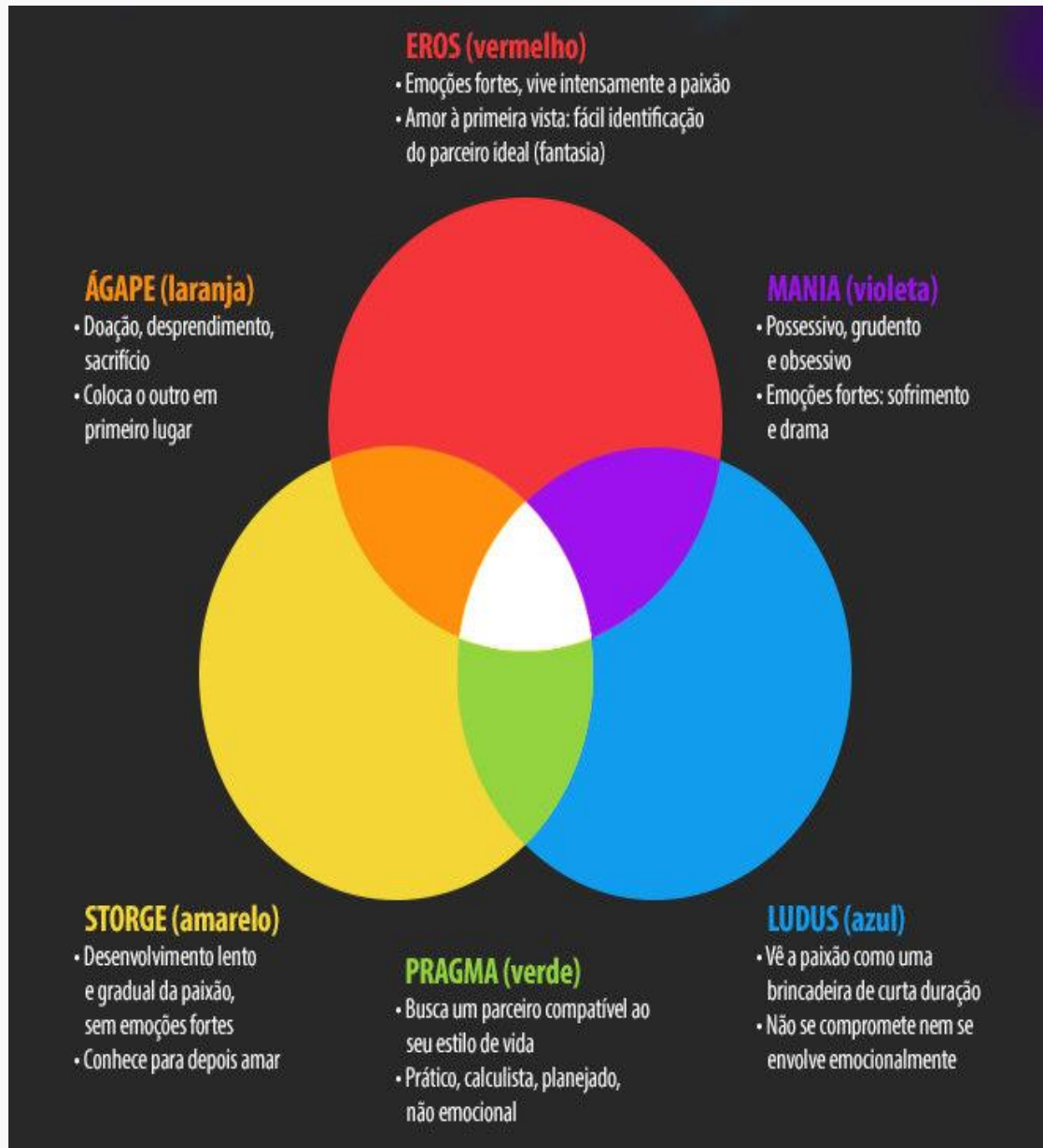
Mania se fundamenta na cor violeta, num amor possessivo e dependente, com indícios de obsessão, onde o amante, continuamente, se sente forçado a atrair a atenção da pessoa amada; é um amor ciumento, grudento, obsessivo e possui emoções fortes, vindo a causar tristeza, violência e sofrimento quando não correspondido.

Estilo secundário: *Pragma (Ludus + Estorge)*

Pragma se resume na cor verde, num amor lógico, onde se valorizam mais as semelhanças e os interesses similares dos envolvidos; os amantes buscam se relacionar com pessoas com as quais partilham os mesmos interesses. Ora, isso passa a ideia de existir uma maior racionalidade no relacionamento, um maior juízo, onde os actos são guiados predominantemente com base na razão, o que demanda uma maior reflexão na hora de escolher a pessoa com quem se relacionar.

Estilo secundário: *Ágape* (Eros + Estorge)

Ágape se baseia na cor laranja, no amor altruísta e desinteressado, onde o amante se dedica, incondicionalmente, ao cuidado, à felicidade e ao bem-estar do outro.



Teoria das cores do amor de Lee (1977). Fonte⁶

Comentário: Nesta ilustração, podemos ver as diferentes cores que Lee atribuiu para cada estilo de amor.

⁶ <https://noticias.r7.com/saude/a-quimica-da-paixao-como-o-corpo-age-quando-estamos-apaixonados-12062019?amp>

“O significado de amor

Os diferentes tipos de amor são sentimentos que nos fazem viver fortes emoções e, às vezes, geram perturbações quando não correspondidos pela outra pessoa. Magoa amar e não ser amado; se doar e ser ignorado; sacrificar-se e ser olhado com indiferença e desdém. Muitos são felizes por serem amados, para eles, a definição de amor é muito simples: o amor é um sentimento aprazível que faz bem à alma. “Quem ama é feliz”, eles dizem. Outras pessoas desconhecem o que é ser amado de verdade, têm uma posição contrária, pois, para estas pessoas: o amor é uma sensação que causa desgosto, assim como o mosquito patrocina a mais incômoda das malárias. “Não quero mais amar ninguém, pois quem ama nunca está bem; e o mundo seria melhor sem esse fardo que nos desgasta, nos feri e nos farta. Amar cansa”, elas dizem. Ora, é preciso ter tempo e fôlego para cultivar o amor e continuar amando quando chegar o trabalho e o peso de amar. As pessoas concebem o amor como um fardo insuportável por causa das experiências dolorosas pelas quais passaram em nome do amor. A verdade é que elas se sentem oprimidas pelo amor, isto por não terem tido a chance de experimentarem o mais puro, sincero, incondicional e paciente dos amores, como o amor de Deus pela humanidade, por exemplo, um amor único, inconfundível e sublime. Contudo, o significado de amor é relativo”.

~ Lúwe André



A ninfa Salmácide e Hermafrodito. Pintura de François-Joseph Navez, 1829.

Comentário: Neste quadro podemos observar um amor desprezado pelo amado. Nota-se o sofrimento da mulher em querer possuir o amado que o despreza e se apresenta indiferente ao amor que lhe é dado. Esta obra permite-nos enxergar que o amor pode ser doloroso quando não correspondido; e que amar exige paciência para aguentarmos o peso de amar quem se apresenta insensível ao nosso amor.

O AMOR COMO CONTRACTO

Entramos nos relacionamentos de modo a trocarmos afetos; o amante oferece seu amor para sua amada; e a amada, por sua vez, retribui seu amor para o amante. Duas pessoas se unem para trocarem beijos, carinhos, palavras e prazeres, ao ponto que, quando uma das partes não corresponde a estas práticas afetivas, a relação se desfaz, ou seja, o contracto se desfaz. É neste sentido que, muitas vezes, o amor é percebido como um contracto onde duas ou mais pessoas criam regras de conduta que venham a ditar o rumo do relacionamento. Do mesmo modo, ao entrarmos em uma relação de amizade, fazemos promessas de nunca trairmos e de nunca decepcionarmos a pessoa. Ora, no momento em que, por alguma razão, quebramos o que prometemos no começo, a amizade se desfaz, ou seja, o contracto é quebrado.

É importante realçar que este contrato nas relações é, na sua maior parte, inconsciente. Ninguém entra num relacionamento com um papel onde são apontadas as cláusulas do contrato da relação, porém, isto não elimina o facto de existir um contracto. Por outro lado, os contractos nos relacionamentos também podem ser conscientes. São muitos os casais que, antes de embarcarem numa relação mais séria, discutem quais devem ser seus limites dentro do relacionamento, o que nos leva a crer que a Ética, a discussão da melhor forma de viver, não se limita apenas à cidade como um todo, mas também nos relacionamentos conjugais. Observamos assim que estamos o tempo todo a fazer contractos nos nossos relacionamentos afetivos, embora, muitas vezes, não estejamos conscientes disso. Nossa pretensão, ao entrarmos num relacionamento, é que a outra pessoa corresponda seu amor, sua amizade e que nós correspondamos também o amor e a amizade que juntos acordamos.

Estabelecer parâmetros de convivência pode ser um bom caminho para as nossas relações, sobretudo nas relações conjugais. Conversar com a pessoa amada sobre como queremos conviver é sempre fundamental para que se construa uma relação mais sólida e

harmoniosa. Estabelecer limites previne eventuais decepções, eventuais tristezas e eventuais traições dentro da relação.



Casamento.

Comentário: Por muito tempo, o casamento arranjado era uma prática obrigatória nas sociedades mais antigas, onde os pais decidiam com quem o filho ou a filha iria se casar, isto em troca de garantias ou abonações. Nos dias de hoje, os pais tendem a dar suas filhas em casamento em troca de bens materiais ou financeiros por parte do suposto marido. Ora, diante disso, o casamento é muitas vezes visto como um contracto feito por duas famílias ou por duas pessoas que decidem viver juntas pelo resto das suas vidas em troca de carinho e cuidado um pelo outro.

É neste sentido que muitas pessoas, tomadas pela liberdade de não serem presas deste acordo, decidem levar uma vida descompromissada, fora dos padrões de compromisso impostos pela convenção social, guiados apenas por amores românticos, isentos de compromisso. De qualquer forma, o casamento não deixa de ser um contracto, uma vez que justifica, com evidências civis, religiosas e legais, o acordo entre duas pessoas que decidem viver juntas; porém, não se descarta a alegria, o amor e o verdadeiro sentimento de apreço que os dois nutrem um pelo outro.

“A verdadeira serenidade não é ausência de paixão, mas a paixão contida, ímpeto domado”.

Georges Duhamel

2

O QUE SE ENTENDE POR AMOR?



“Só existe uma lei no amor: tornar feliz a quem se ama”. (Stendhal).

*“Me diz onde a paixão
começa, no coração ou
na cabeça?”*

~ William Shakespeare

O amor se mostra não apenas no coração, representado como os sentimentos do corpo, mas também na cabeça, isto é, na mente. Com base ao que vimos até aqui, podemos ponderar que o amor se mostra não apenas como um desejo exclusivo do corpo, mas também como uma vontade racional de se comprometer com a pessoa amada. Junior (2013, p. 5) sintetiza que “as afecções são sempre do corpo e da mente ao mesmo tempo, assim como também o são os afetos que delas decorrem”, ou seja, o amor não é uma inclinação exclusiva do corpo, mas também da mente; uma inclinação que se dá no corpo ao mesmo tempo que se dá na mente. Sabe-se também que o comportamento de um indivíduo é o resultado dos seus pensamentos, das suas

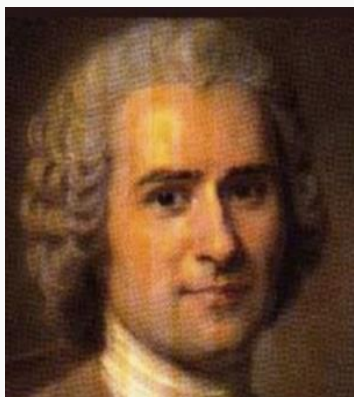
⁷ Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/40391727892793997/>

inclinações e dos seus apetites. Deste modo, a mente é tomada como causa do comportamento e das paixões que se tem diante dos encontros com o mundo fora de nós. Para uma melhor compreensão, Baruch de Espinosa⁸, (citado por Junior, 2013, p. 6), esclarece que o amor

(...) possui ao mesmo tempo uma realidade física e uma realidade psicológica. Ele implica, portanto, uma dimensão corporal, fundada sobre a associação das imagens no corpo, e uma dimensão mental, fundada sobre o encadeamento das ideias na mente. O afeto engloba ao mesmo tempo uma afecção do corpo e a ideia dessa afecção.

É neste sentido que os afetos originários do amor, como o desejo de ter a pessoa amada e a alegria sentida pela presença dessa pessoa, não são exclusivas realidades do corpo ou dos sentidos, mas também inerentes à razão. Compreender a mente de um homem é, ao mesmo tempo, compreender o seu comportamento; assim também, compreender o comportamento de um ser regido pelo amor é, ao mesmo tempo, compreender os pensamentos que governam o seu estado mental.

O AMOR DE SI OU AMOR PRÓPRIO



O CONCEITO de amor de si foi desenvolvido por Jean-Jacques Rousseau⁹ na sua obra *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Pode-se pensar o amor de si na perspectiva de um amor próprio, ou seja, um amor cujo objecto amado se reduz a quem ama. Em palavras simples, o amor de si se justifica em amar-se a si mesmo, ou ainda, em cultivar um amor consigo mesmo, um amor próprio, velando a própria sobrevivência e o próprio bem-estar.

É importante não confundirmos o amor de si ou amor próprio com a vaidade. A vaidade pode ser entendida como a tentativa de parecer

⁸ Filósofo da Idade Moderna, conhecido por conceber Deus como um ser imanente à natureza. (1632-1677).

⁹ Importante filósofo e teórico político. Conhecido pela frase “o homem nasce bom, a sociedade o corrompe”. (1712-1778).

melhor ou de simular um comportamento com o único objectivo de aparentar certa personalidade que não é a verdadeira. A vaidade some quando, ao invés dela, buscamos a autenticidade nas nossas acções, entendendo a autenticidade como a correspondência entre os nossos actos e aquilo que de facto somos. Ora, o amor de si é verdadeiro quando é motivado por uma vontade sincera de cuidar do próprio corpo, do próprio intelecto, do próprio bem-estar, numa busca verdadeira de aperfeiçoamento e preservação do próprio ser.

Nicholas Dent, na sua obra *Rousseau*, realça ainda que o amor de si ou amor próprio, quando cultivado e aperfeiçoado, gera benefícios no próprio ser, possibilitando a liberdade, a paz, a virtude e a felicidade. Ao cultivarmos o amor por nós mesmos, não precisamos usar a violência ou simular comportamentos com vistas a alcançar o respeito e o reconhecimento das outras pessoas, muito pelo contrário. O amor de si ou amor próprio não é agressor, nem vaidoso, mas é verdadeiro e autêntico, sem quaisquer tentativas de agradar os outros, mas de agradar a si mesmo.

Em outras palavras, este amor se justifica no cuidado com o próprio corpo, com a própria mente, com o próprio pensar e agir, buscando sempre o aperfeiçoamento do próprio ser, de modo a se preservar a vida, tornando-a perpétua. É neste sentido que Rousseau esclarece que “o amor próprio é um instrumento útil, mas perigoso”, perigoso porque pode ser corrompido pela vaidade e pela tentativa agressora de impor respeito e reconhecimento; e útil porque quando o amor de si é cultivado pelo prazer do próprio bem-estar, aperfeiçoa o ser e abre caminhos para a felicidade, para a paz e para o amor consigo mesmo e com os outros.

O AMOR ALTRUÍSTA

O AMOR altruísta é concebido como um amor fraternal que nutrimos pelas pessoas ao nosso redor ou no nosso ciclo familiar; um sentimento onde quem ama dedica sua vida ao cuidado do próximo, sem motivos aparentemente justificados, amando pelo simples acto de amar. O amor altruísta é visto na família e entre amigos; um amor

incondicional, materno e desinteressado, onde a busca pela felicidade e bem-estar do outro ou de todos é o prazer prioritário.

O amor altruísta é também ligado à caridade e pode se manifestar de diversas maneiras. Um movimento ou uma associação que justifica seus objectivos na ajuda às crianças ou às pessoas desfavorecidas, por exemplo, é um exemplo clássico de amor altruísta, implantado na caridade, onde o interesse dos envolvidos se explica no simples acto de amar e ajudar; onde amar se torna sinónimo de ajudar. Este amor espelha nossa disponibilidade em tornar a vida da pessoa menos triste possível; em buscarmos esforço e força para contribuirmos na construção da felicidade e do bem-estar da pessoa, buscando sempre

“Vós, que sofreis,
porque amais,
amai ainda mais.
Morrer de amor
é viver dele”.
~ Victor Hugo



O amor altruísta foi muito estudado por um pensador chamado Immanuel Kant¹⁰, na sua obra *Crítica da Razão Pura*, onde defende o amor altruísta como um amor prático; um conjunto de acções que se justificam no simples prazer de ajudar aqueles de que se tem amor. Kant, então, concebe o amor como uma preocupação verdadeira pelo bem-estar do outro; o prazer de ajudar desinteressadamente. É fácil perceber neste amor a renúncia ao próprio eu em benefício do outro.

O Sumo Pontífice Bento XVI (2007), na *Carta Encíclica Spe Salvi*, nas páginas 38 e 39, declara que “o amor não pode de modo algum existir sem esta renúncia mesmo dolorosa a mim mesmo, senão torna-se puro egoísmo (...)”. Esta declaração explica perfeitamente o que podemos chamar de amor altruísta, que se funda na redução de si próprio para o crescimento do outro, por mais dolorosa que isso seja.

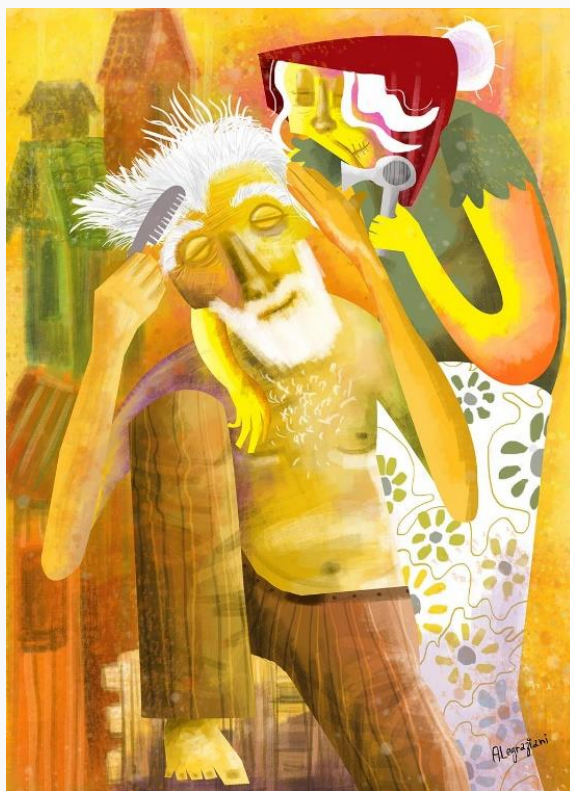
¹⁰ Importante filósofo. Influente no campo do Direito, da Política e da Ética. (1724-1804).

Daí a orientação cristã “amarás ao teu próximo como a ti mesmo¹¹”, ou seja, o amor se definiria como a renúncia do eu e entrega ao outro.

Assim, amar não é lançar declarações ao ar ou jogar palavras bonitas ao vento à espera que a pessoa amada ouça. O Amor é prático e caridoso. Não se resume em versos, mas também em acções que fundamentam a alegria que se nutre pela pessoa. O amor se completa quando as palavras se ligam a acções que demonstrem este amor. O amor se apresenta então não como simples forma de expressão verbal, mas também de belas expressões práticas e altruístas.

*“Quero poder jurar que
essa paixão jamais será
palavras apenas, palavras
pequenas, palavras ao vento”.*

~ Cássia Eller



Mimos do amor. Pintura em canva¹².

Comentário: O amor altruísta é sempre pelo outro. A motivação principal deste amor é o bem-estar do objecto amado, ou seja, o amor altruísta se exprime no singelo esforço de alegrar a pessoa amada.

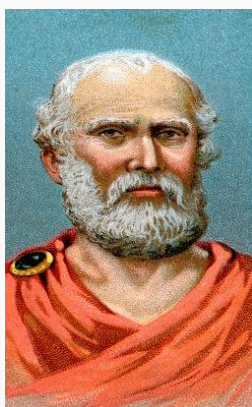
¹¹ Bíblia Sagrada: Livro de Mateus 22:39

¹² Fonte: <https://www.elo7.com.br/pintura-em-canvas-mimos-do-amor/dp/45D2E7>

O AMOR SEGUNDO PENSADORES

DESDE A Grécia Clássica até aos dias actuais, as discussões relativas ao amor vêm ganhando espaço não só na filosofia, mas também em outros campos do conhecimento, como na psicologia, na psicanálise e na neurociência. Muitos foram os estudos relativos ao amor. É neste sentido que falaremos agora de algumas abordagens apresentadas pelos mais conceituados pensadores no tema.

Platão: *Eros* ou amor como desejo.



A nossa primeira abordagem começa com Platão, cujo amor já referimos. Platão foi um pensador da Grécia Clássica e fala do amor na sua importante obra *O Banquete*, considerado, por muitos, como a principal referência sobre o tema, onde são apresentadas diferentes concepções sobre o amor. Porém, iremos nos limitar no seu principal conceito de amor.

“Investe-se maior paixão para obter o que se não tem, do que para conservar o que já se tem”.

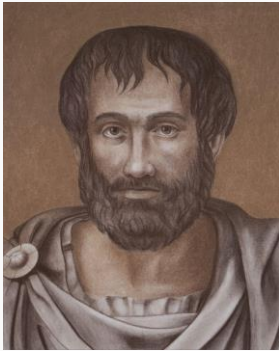
~ Stendhal

Platão não falava português e para se referir ao amor utilizava a palavra *Eros*. Como já vimos, *Eros* significa “desejo”; logo, para Platão, amor é desejo, ou seja, amar é desejar o objecto amado. Como problemática deste discurso, podemos questionar, se amor é desejo, o que é desejo? Platão responde que desejo é falta, isto é, o amor se exprime no apego que temos pelas pessoas ou coisas que nos faltam. Apenas amamos verdadeiramente aquilo que nos falta e que queremos ter. Assim, só se ama a pessoa ou o objecto que desejamos.

*“O amor não é senão o desejo;
e assim, o desejo é o princípio
original de que todas as nossas
paixões decorrem (...); por isso,
sempre que o desejo de um objecto
se acende nos nossos corações,
pomo-nos a persegui-lo e a procurá-lo
e somos levados a mil desordens”.*

~ Miguel de Cervantes

Aristóteles: *Philia* ou amor como alegria.



Como abordagem a seguir, tem-se a ideia de amor em Aristóteles, discípulo de Platão. Aristóteles falou sobre o amor na sua também famosa obra *Ética à Nicômaco*. Assim como Platão, Aristóteles também não falava português; e para se referir ao amor, usou a palavra *Philia*. Para este pensador, *Philia* significa “alegria”; logo, para Aristóteles, amor é alegria, ou seja, alegria que sentimos pela presença do objecto amado. O amor *Philia* é também pensado na base da amizade, da ligação afetiva de uma comunidade ou entre duas pessoas.

*“A amor é sentimento tenaz.
Floresce com grande rapidez
se regado com paixão. É espaçoso,
gosta de carinho e de atenção.
É dedicado e, apesar de não
gostar de ser podado, pode,
sim, transformar-se em uma
bela amizade, do tipo que se
carrega para toda a vida”.*

~ Augusto Branco

Nota-se então que Aristóteles definiu o amor de uma maneira muito contrária à definição dada pelo seu mestre Platão. Vimos que enquanto que para Platão o amor é *Eros*, no desejo e na falta, para Aristóteles, o amor é *Philia*, na alegria e na presença. Em outras palavras, segundo Aristóteles, o amor é a alegria que sentimos por aquilo que já temos, por aquilo que já é nosso, pela pessoa com quem já nos relacionamos.

Jesus Cristo: *Ágape* ou amor ao próximo.

Como terceira abordagem de amor, apresentemos o ensinamento de Cristo, cujo amor foi registrado em várias passagens da Bíblia, como em *Mateus 22:39*. Cristo também não falava português; e para se referir ao amor de Cristo, usa-se a expressão *Ágape*. *Ágape* significa “por qualquer um”; logo, amor é o apreço que sentimos por qualquer um, muitas vezes ligada à caridade, à ajuda humanitária, ou seja, ao

amor a todos. Como já vimos, *Ágape* é também um dos estilos secundários de amor, proposto por John Alan Lee.

*“Na paixão, eu me perco.
No amor, não me procuro
com medo de perder o outro”.*
~ Fabrício Carpinejar

O amor *Ágape* não conhece distância, gênero, etnia, raça, cor ou grupo social; Exprime a mais pura manifestação de apreço, de ajuda, de satisfação, de estima, de afeto, de prioridade, de entrega e até mesmo de sacrifício pelo outro, tal como o fez Cristo pela humanidade, por todos, por qualquer um; um esforço constante de busca pela felicidade e pelo bem-estar do outro. Este amor, como já vimos nos estilos de amor, se resume em reduzir-se a si mesmo para o crescimento não só da pessoa amada, mas de qualquer um, ou seja, a retirada do amante para o aparecimento do amado. A finalidade deste amor está na felicidade do outro, ou ainda, o amor é a busca incessante da felicidade do amado ou da amada, isto é, amar o outro como a nós mesmos.

Espinosa: Amor pela existência do outro.



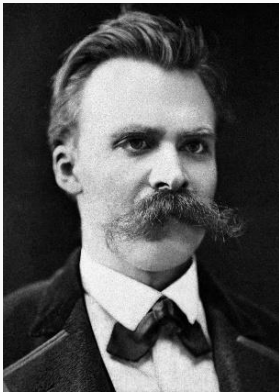
Como quarta abordagem, apresentemos a concepção de amor proposta por Baruch de Espinosa, um dos grandes racionalistas e filósofos do século XVII. Para Espinosa, o amor é a alegria que sentimos por uma causa exterior a nós, ou ainda, é a alegria que advém da simples existência da pessoa amada; alegria essa que, frente ao amado, aumenta a nossa potência de viver.

*“O amor imaturo diz:
eu te amo porque
preciso de ti. O amor
maturo diz: eu
preciso de ti
porque te amo”.*
~ Erich Fromm

Em outras palavras, o amor é a alegria que sentimos pelo simples facto da pessoa amada existir; a alegria que nutrimos pela existência

da pessoa amada. Esta abordagem é muitas vezes usada em declarações de amor, que pode ser dita olhando-se nos olhos de quem se tem amor e dizer: eu sinto uma alegria pelo simples facto de você existir; ou ainda, eu sou feliz, porque você existe; ou até, você é a causa de toda a minha alegria.

Nietzsche: *Fati* ou amor pelo real.



Como quinta abordagem do amor, apresentemos a proposta por Friedrich Nietzsche¹³, um dos maiores filósofos da modernidade. Como os outros pensadores, Nietzsche não falava português e se usa a expressão *Fati* para se referir ao seu amor. *Fati* significa “amor ao destino ou ao real”; logo, amor é o apreço que sentimos pela pessoa como ela é.

O amor *Fati* se exprime em não sermos dominados pela paixão ao ponto de nos atermos pelo ideal que construímos da coisa amada, mas em sermos atraídos pela sua realidade, de modo a sabermos praticar os deveres do relacionamento, podendo se edificar um relacionamento cōscio e maduro.

*“Quando a
paixão nos
domina,
esquecemos
o dever”.*

~ Blaise Pascal

Muitas vezes, nossa realidade é escondida por aquilo que parecemos ser ou que deixamos as pessoas verem e ocultamos a realidade que nos caracteriza; e muitas vezes passamos a amar a aparência das pessoas e não a realidade das mesmas. Neste aspecto, Nietzsche explica que o amor verdadeiro é o apreço que sentimos pela realidade do objecto ou da pessoa amada, ou seja, o afeto que nutrimos pelas coisas do jeito que a natureza as fez, na sua real essência e não pelos ideais que criamos.

¹³ Filósofo importante, conhecido pela sua “filosofia do martelo. (1844-1900).

OUTRAS ABORDAGENS SOBRE O AMOR

UMA DAS grandes ideias do Amor é o sacrifício do amante para a sobrevivência da pessoa amada. Podemos recorrer a esta abordagem para sabermos se de facto amamos alguém; ou seja, para sabermos se realmente amamos uma pessoa, precisamos apenas nos perguntar se morreríamos por esta pessoa caso fosse necessário para sua sobrevivência; assim, estaríamos convictos do amor que nutrimos pela pessoa caso a resposta seja positiva. Este amor apresenta, como condição primordial, a aceitação da própria morte caso isso seja necessário para a sobrevivência da pessoa amada. Lembremos a famosa peça de *Romeu e Julieta* de William Shakespeare¹⁴, onde os dois amantes, levados pela angústia da ausência um do outro, decidem suicidar-se.

O Amor é também por aquilo que nos alegra; pela pessoa que nos cativa, nos atrai e nos causa saudade. O Amor acontece no momento em que passamos a nos alegrar por uma pessoa, por um animal, por um objecto, por qualquer coisa. A essência do Amor, nesta abordagem, exprime-se então pela alegria que a coisa amada nos causa.

*“A paixão atrai corações, a
saudade força o encontro,
o desejo traz tua boca, mas
somente o amor pode juntar
duas almas”.*

~ Paulo Master

No amor não há preconceito de nada; o amor aceita a pessoa tal como ela é, com seus defeitos, suas qualidades, suas fraquezas, suas fortalezas, com seus medos, sua cor, suas angústias, suas manias, com seu cheiro, seu cabelo, seu olhar. O amor é atrevido, é louco, é desejo moderado, é companheirismo, é alegria pela pessoa que nos alegra.

¹⁴ Um dos maiores poetas de todos os tempos. (1564-1616)



Amor sem preconceito. Pintura de Cas, 2009.

O Amor é o que justifica a união no mundo. As pessoas são singulares, as coisas são singulares, tudo é singular. Então, se tudo no mundo se caracteriza pela sua singularidade, a única coisa capaz de possibilitar a união é o amor. Amor é o que justifica a harmonia das coisas em meio a um mundo de singularidades e diferenças. Em outras palavras, a harmonia só é possível no amor.

A união de duas pessoas singulares que juntas se tornam numa só, é justificada pelo Amor. A harmonia de coisas diferentes é justificada pelo amor. Ou seja, o amor é o que une os contrários e possibilita a harmonia no mundo. Quando duas pessoas se unem, elas se tornam numa só, graças ao amor. O amor une e harmoniza.

O amor pode também ser aquilo que nos regozija; as coisas nas quais encontramos um profundo sentimento de júbilo quando as vemos. Esta alegria é o que dá vida ao nosso amor. Amor é a alegria pelas pessoas e por tudo mais que pode existir. A natureza do amor estaria então na alegria pelo mundo, por alguma coisa que existe e que nos embeleza.

O amor é o que encanta os nossos sentidos; é o motivo das nossas atitudes mais nobres; é tudo o que as civilizações precisaram para se desenvolverem. O amor é o transe divino que se apresenta de diversas

formas e significados; e quando se diz “eu te amo”, fica difícil entender o que realmente se quer dizer.

*“Te amo,
te amo com o mundo que não entendo,
com as pessoas que não compreendem,
com a ambivalência de minha alma,
com a incoerência dos meus actos,
com a fatalidade do destino,
com a conspiração do desejo,
com a ambiguidade dos factos,
ainda quando digo que não te amo, te amo.
Até quando te engano, não te engano.
No fundo levo a cabo um plano
para amar-te melhor”.*

~ Pablo Neruda

O amor acaba?

Ao pensarmos o amor à maneira de Platão, talvez acabe. Para Platão, como já vimos, o amor é desejo por aquilo que não temos; quando finalmente obtemos o que nos faz falta, o desejo acaba; e se o amor é desejo pela pessoa amada, obtendo-se a pessoa amada, acaba o desejo; e acabando o desejo, acaba também o amor.

Ao pensarmos o amor à maneira de Aristóteles, talvez também acabe, afinal, para Aristóteles, o amor é a alegria que sentimos pela pessoa amada; ora, quando a pessoa amada desaparece para sempre, a nossa alegria desaparece com ela; ou seja, se o amor é a alegria pela pessoa amada, desaparecendo a pessoa amada, desaparece a alegria; e desaparecendo a alegria, desaparece também o amor.

Ao pensarmos o amor à maneira de Espinosa, talvez o amor também acabe; afinal, se o amor é a alegria pela existência da pessoa amada, quando a pessoa amada deixa de existir, a alegria também se vai; e assim o amor acaba; ou seja, se o amor é a alegria pela simples existência da pessoa amada, deixando de existir a pessoa amada, deixa de existir a alegria; e deixando de existir a alegria, deixa de existir também o amor.

“Te amo

Procurei as palavras perfeitas para escrever o texto de amor perfeito em agradecimento ao homem que por mim muito fez e que por muito tempo aguentei. Ao homem que durante anos perdoei e que prometi amor até envelhecer, porque diante do altar jurei “para sempre”, por isso sempre estive presente, mesmo quando o seu carinho era pesado e magoava. Mesmo quando apagavas meu sorriso e meu rosto molhavas. Mesmo quando tuas mãos marcavam meu corpo, eu ainda dizia que te amava. Nunca te abandonava com medo de sofrer por te perder. Achei que sozinha não seria ninguém, mas mesmo assim, de ti nunca guardei rancor, porque eu te amei. Ao prazer de ti amar eu me entreguei, mesmo sendo refém do sofrimento, mesmo recebendo dor em vez de alento, me cedi para viver por ti porque foi assim que sempre prometi. Por isso nunca parti e fiquei até ao fim. Mesmo sem entender eu me doe, perdoei. E cada “te amo” aceitei. Fiz de tudo mesmo sem você merecer, mesmo sem muitos motivos eu te amei. E nem antes da morte te deixei, por isso, em agradecimento ao homem que amei e que o último suspiro da alma o dei, escrevo essa carta para dizer que além das cores, dos machucados, dos piores, dos melhores e dos inesquecíveis momentos, eu te amei”.

~ Andersa Deise



Satiro jugando con una vacante. Pintura de Henri Gervex, 1874.

Comentário: O término de um relacionamento é sempre doloroso. A ida de uma pessoa que amamos, ou qualquer outra coisa que amamos e que se vai, é sempre difícil de lidar. Muitas vezes, a natureza se impõe e nada podemos fazer diante das infinitas coisas que fogem do nosso controlo, como a morte, por exemplo. O facto é que o amor é sempre motivado pela vontade e desejo de se ter por perto a pessoa que conquistara nossos sentidos e dominara nosso coração, sendo que quando isso não acontece, tudo o que nos resta é seguir em frente e esperar um outro amor chegar.



Off. Pintura de Edmund Blair Leighton

Comentário: É também importante lembrar que nem sempre a pessoa amada corresponde ao nosso amor. Como podemos ver na imagem, o amor do amado não fora correspondido pela amada; isto podemos ver através das flores no chão, que, certamente, o amado levou para a amada que as desprezou.

“Dedução

Não acabarão nunca com o amor,

nem as rugas, nem a distância.

Está provado, pensado, verificado.

Aqui levanto solene minha estrofe

de mil dedos e faço o juramento:

Amo firme, fiel e verdadeiramente”.

~ Vladimir Maiakóvski

Porém, vale ter esperança pela permanência do amor, pois sentiremos sempre falta de algo. Na vida que temos, sempre desejaremos alguma coisa; e se o amor é desejo, e nós sempre desejaremos alguma coisa, logo amaremos o tempo todo e o amor nunca acabará.

Do mesmo jeito, sempre teremos por perto pessoas e coisas que nos causam alegria; e se o amor é a alegria pelas coisas que temos, e sempre teremos coisas, logo, amaremos o tempo todo e o amor nunca acabará.

Assim também, a alegria pode ser sentida pela existência das coisas e das pessoas ao nosso redor. Nos alegamos o tempo todo com os nossos

amigos, nossas conquistas, nossas coisas, enfim, com tudo próximo a nós. E se o amor é a alegria que sentimos pela existência das pessoas e das coisas ao nosso redor, e sempre teremos coisas e pessoas ao nosso redor, logo, amaremos o tempo inteiro, pois o tempo inteiro teremos famílias, amigos e coisas com as quais nos alegrar pelo simples facto de existirem.

Também podemos sentir amor pelo próximo, como ensina Cristo. Afinal, sempre existirão pessoas ao nosso redor; sempre existirão pessoas no mundo para amar; sempre teremos famílias e amigos ao nosso lado. E se o amor é por qualquer um, e sempre haverá pessoas no mundo, logo, amaremos eternamente e o amor nunca acabará.



Escultura de Titanic, Jack e Rose. Museu Gramado – Minerais & Pedras Preciosas.

Ora, o mundo é cheio de singularidades, mas ao mesmo tempo é cheio de harmonia. As pessoas unem suas singularidades para criarem um só elemento. Duas pessoas se juntam para gerarem uma vida. Logo, a harmonia sempre existirá; e se o amor é a harmonia dos contrários e das singularidades, então, o amor existirá sempre, pois a harmonia é condição fundamental para a humanidade, o que confirma a permanência do amor.

O que significa amar?

Amar não quer dizer uma só coisa; amar quer dizer tudo. Em tudo há amor e o amor está em tudo. Está na falta, na presença, na existência, na harmonia e no outro. O amor quer nos dizer que somos seres humanos e que temos em nós a possibilidade de usarmos a nossa humanidade para amarmos e não nos privarmos de exercer esta virtude que origina todas as outras, como a fidelidade, a tolerância, a generosidade, a paciência, o cuidar, o valorizar, a amizade, a felicidade, o apreço, o carinho e a confiança; virtudes que, quando preservadas, permitem o florescimento do amor no mundo. O amor é a mãe de todas as virtudes. Os princípios religiosos e éticos confirmam isso. As leis constitucionais são elaboradas com base no amor. Só o amor pode trazer a paz, a harmonia, a união, a felicidade, a confiança, a fidelidade e a amizade entre todos.



*Silhueta de um casal.*¹⁵

*“Te amo,
te amo sem refletir, inconscientemente,
irresponsavelmente, espontaneamente,
involuntariamente, por instinto,
por impulso, racionalmente,
de facto não tenho argumentos,
nem sequer improvisados para fundamentar
este amor que sinto por ti, que surgiu
misteriosamente do nada,
que não resolveu magicamente nada
e que milagrosamente, pouco a pouco,
com pouco e nada, melhorou o pior de mim”.*

~ Pablo Neruda

¹⁵ Fonte: <https://www.mardoconhecimento.com.br/o-amor-e-seus-componentes/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

COMO VIMOS, o amor continua a se manifestar de diversas maneiras. É com o amor que as sociedades têm crescido em felicidade e bem-estar. A prática do amor promove a caridade e o altruísmo entre os homens, o que permite a criação de uma sociedade movida pelo amor e pela ajuda ao próximo, onde todos disponibilizam esforços para o crescimento de todos. É também através do amor que as virtudes são geradas.

O amor é fundamental para a elaboração de regras e normas para uma melhor convivência, ou seja, se a prática do amor resulta na alegria, na harmonia, no altruísmo, na felicidade e no bem-estar, logo, em nenhum outro lugar se poderia tirar o modelo de lei ou de norma para a alegria, a harmonia, o altruísmo, a felicidade e o bem-estar de todos senão no amor. O amor é um sentimento de grande valor. Aliás, se chegamos até este estágio da humanidade, é graças ao amor pelo outro. Sem amor nos mataríamos e não sobraria ninguém para contar a nossa história. O amor se apresenta benéfico para a raça humana. O amor é tudo e tudo é amor.

FONTES CONSULTADAS

- Aristóteles. (1984). *Ética à Nicômaco*. Coleção Os Pensadores, trad. de Vincenzo Cocco et al. São Paulo: Abril Cultural.
- Bystronski, Brendali. (1995). *Teorias e Processos Psicossociais da Intimidade Interpessoal*. Petrópolis: Vozes.
- CEPPA. Centro de Certificação em Psicologia Positiva Aplicada. Teorias do amor módulo 6: Relacionamentos positivos. Aula 03 – Teorias do amor, professor Evandro borges.
- Dent, Nicholas. Rousseau. London e New York: Routledge, 2005. (The Routledge Philosophers).
- Hatfield, Elaine. (1988) *Passionate and companionate love*. In: Sternberg, Robert J.; Barnes, Michael L. (orgs.). *The Psychology of Love*. New Haven: Yale University.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (2005: Bento XVI). *Carta Encíclica Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- John Alan Lee. *A typology of styles of loving*. Pers Soc Psychol Bull. 1977.
- John Alan Lee. *The colours of love: na exploration of the ways of loving*. Ontario: New Press, 1973.
- Junior Carlos Augusto Peixoto. (1977). *Sobre o corpo-afeto em Espinosa e Winnicott*. Rio de Janeiro, Revista EPOS, Vol.4, nº 2.
- Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. J. Rodrigues de Menege. Edição ACRÓPOLIS. [EBOOK]
- Nietzsche, Friedrich. (2008). *Ecce Homo*. Editora LusoSofia.
- Platão. (2013). *O Banquete*. Editora Virtual Books, p. 60. [PDF] Recuperado de www.baixelivros.com.br/ciencias-humanas-e-sociais/filosofia/o-banquete-platao
- Rousseau, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem da desigualdade*, Trad. Maria Lacerda de Moura, Edição: Ridendo Castigar Mores
- Sophia, Eglacy Cristina; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Mônica L. *Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?* Rev. Bras. Psiquiatria. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/nahead/ahead1c>
- Spinoza, Baruch. (2009). *Ética*. Autêntica Editora. [tradução de Tomaz Tadeu]. – Belo Horizonte.
- Sternberg, Robert J. (1989) *El Triangulo del amor: intimidad, pasión y compromiso*. Barcelona: Paidós.

OUTROS TÍTULOS DO MESMO AUTOR

O feitiço e a bruxaria em Angola: um estudo sobre as crenças místicas dos grupos étnicos angolanos. (Comentada e ilustrada, 2021). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-generos-diversos/7166744>

O processo de desconstrução da identidade angolana: desde a chegada dos portugueses até aos dias de hoje. (Comentada e ilustrada, 2021). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-generos-diversos/7157367>

Zola. (Conto, 2021). Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-contos/7149726>

David Lutango

O que significa **AMAR?**

Um estudo sobre o amor à
luz da ciência e da filosofia

Comentada e ilustrada

